



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A ocupação do Cena

No período imediatamente anterior à pandemia, me dirigi até a 508 Sul para assistir à peça *O rinoceronte*, sob a direção do nosso bruxo emérito do teatro, Hugo Rodas, com a trupe Agrupação Teatral Amacaca. Pedi um ingresso para a peça e a funcionária da bilheteria me respondeu: “Mas, para qual peça? Existem três em cartaz”.

E, de fato, olhei para os lados e percebi que havia três filas longas para entrar nas salas. A maioria era formada por gente jovem. Apesar de todos os

problemas, a começar pela falta de salas adequadas, existe uma cultura teatral em Brasília. A existência do Departamento de Artes Cênicas da UnB e da Faculdade Dulcina têm importância decisiva. É pena que a pandemia interrompeu esse momento de efervescência.

Desde o início da semana, o teatro ocupa as principais salas do Plano Piloto e das obras das cidades do DF e se transforma em uma grande arena democrática descentralizada de debates sobre os grandes temas da atualidade: a uberização do trabalho, a situação dramática dos índios, os personagens de *Vida e morte severina* atualizados pelo Brasil de 2022, a experiência da morte, a “rinocerontite” que assola as massas, a incomunicabilidade no amor, a exclusão social, a política

de embranquecimento, a resistência indígena, a fome de utopia e a alegria do encontro.

A festa cênica é promovida pelo Festival Cena Contemporânea, uma tradição brasiliense que chega à 23ª edição. É um dos maiores eventos de artes cênicas do país e da América Latina.

Ele é uma babel intimista do teatro, da dança e da música que coloca as línguas multiculturais mais distantes para conversarem no planalto central.

Você pode ver o teatro candango, paulista, indiano, carioca, russo, baiano, francês, gaúcho, inglês, pernambucano, mexicano ou goiano. É uma festa multicultural envolvente das artes cênicas, que acontece em vários espaços — teatrais ou não — do Plano Piloto e se estende para as cidades-satélites.

O Cena, como é chamado carinhosamente pelos brasilienses, proporciona instantes memoráveis de dramaticidade, de enlevo, de choque, de choro e de gargalhadas.

Pelo fato de ser uma arte presencial, o teatro foi uma dos setores que mais sofreu com o período de isolamento imposto pela pandemia. Por isso, essa edição do Cena tem um gosto todo especial. Há eventos que são mais do que eventos. Não se esgotam em si mesmos e continuam agindo em uma cidade depois que acontecem. Esse é o caso do Cena Contemporânea. É um festival internacional, com uma programação de ampla diversidade, mas, ao mesmo tempo, aconchegante, onde ocorre, efetivamente o encontro afetivo e cultural entre as pessoas.

As hierarquias entre artista, público e estudantes são quebradas. Denise Fraga participou de um encontro com estudantes na UnB: “Costumo dizer que a arte ajuda a gente a viver, que quem lê Dostoiévski e Fernando Pessoa, no mínimo, vai sofrer mais bonito.” Denise, falou, ouviu e provocou: “Nós, que somos artistas, precisamos pensar que nosso ofício é nosso ganha-pão. Se eu fizer uma cena agora, será que alguém vai me dar uma moeda?”

Se, apesar de tudo, existe uma cultura de teatro na cidade, isso se deve ao Departamento de Artes Cênicas da UnB, a Faculdade Dulcina e ao Cena Contemporânea. O festival propicia uma imersão de 10 dias nas artes cênicas, na dança e na música, que provoca, reverbera e ressoa por muito tempo.

SAÚDE PÚBLICA / Hospitais Materno Infantil de Brasília (Hmib) e Regional de Taguatinga (HRT) receberam visita de integrantes do Ministério Público do DF, ontem. Promotores querem respostas sobre reclamações acerca da falta de atendimento

Pediatrias sob inspeção do MP

» EDIS HENRIQUE PERES
» RAFAELA MARTINS

Unidades pediátricas do Sistema Único de Saúde (SUS) na capital do país entraram na mira de instituições com o poder de fiscalizá-las. Ontem, o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) promoveu vistorias para verificar as condições de funcionamento de dois hospitais: o Materno Infantil de Brasília (Hmib) e o Regional de Taguatinga (HRT). Representantes da 1ª Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde (Prosus) visitaram os dois locais devido a denúncias de descumprimento de recomendações feitas pelo departamento à Secretaria de Saúde (SES-DF).

Nas últimas semanas, o **Correio** noticiou, por meio de diversas reportagens, os dilemas dos brasilienses que dependem da rede pública para conseguir atendimento em saúde. Em relação aos serviços pediátricos, famílias relatam aguardar dias para conseguir o acompanhamento necessário às crianças. Nas vistorias de ontem, as equipes do MPDFT visitaram os hospitais para obter dados sobre esse cenário. “As informações levantadas devem embasar a atuação judicial”, afirma o promotor Luiz Humberto (leia Três perguntas para).

Perto do fim da visita ao HRT, uma mãe pediu ajuda ao promotor. Moradora do Recanto das Emas, Milena Neto Carneiro, 41 anos, busca atendimento para o filho, José Vitor, 13, desde quarta-feira. “Ontem (quinta-feira), ele fez o teste da covid-19, que deu negativo. Mas está com vômito e febre. Há suspeita de dengue. Fizemos os exames no Hospital (Regional) de Samambaia, mas não tem médico para ler os resultados”, reclama a mãe, que ainda pesquisou preços de consultas na rede particular. “Mas não tenho condições de pagar R\$ 200.”

Milena e o filho tentaram a sorte na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Recanto das Emas também. Porém, não conseguiram: “Hoje (ontem), eu ia à (UPA) do Gama, mas minha amiga avisou que não tinha médico disponível. No DF inteiro,

está sendo muito difícil conseguir atendimento pediátrico (pela rede pública). Meu filho, ao menos, é grande. Fico pensando nas mães de bebês, porque eles não sabem dizer o que estão sentindo, o que estão passando”.

Prejudicados

Suzany Lopes, 19, aguardava pelo atendimento da filha, Vitória Sophia, 3 meses, no Hmib. Devido à pulseira amarela no braço da criança, a expectativa era de que a chamada ocorresse rápido. “Hoje (ontem), estão chamando mais depressa. Mas, no domingo, também estive aqui, porque ela (a bebê) está com dificuldade para respirar e sintomas gripais. Cheguei por volta das 23h e fomos ver o médico às 2h. Ele só passou uma bombinha de asma, mas ela continua ruim, querendo só dormir. Agora, estou aqui de novo”, relata.

Professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB), Fátima Sousa avalia que não só pacientes se prejudicam pela situação vista no DF, mas os próprios servidores de saúde: “Há sofrimento nas filas; dores pelas perdas de vidas nos leitos dos hospitais e nas UPAs; violência nas UBSS (unidades básicas de saúde) por falta de tudo; profissionais em sofrimento mental, sem poder responder aos desmandos do governo, que não assegura condições de trabalho. É desumano. Esse quadro de terror se agrava com as demandas represadas na pandemia e, agora, com as sequelas da covid-19”.

Para resolver os problemas, a médica sugere que o Estado não veja a saúde apenas como um meio de assistência às doenças, mas para construção de territórios saudáveis. “Para um atendimento menos precário, é necessário que seja implantado, de fato, o SUS no DF. E que não haja privatização. Massificar os agentes comunitários em todas as 33 cidades, ampliar o atendimento do (programa) Saúde da Família, abastecer todas as unidades com medicamentos e equipamentos, e tratar o povo como gente é o mínimo. Precisamos de

Ed Alves/CB/D.A Press



Representantes da Prosus visitaram hospitais devido a denúncias de descumprimento de recomendação

Três perguntas para

LUIZ HUMBERTO, PROMOTOR DE JUSTIÇA DA PROSUS

Como o senhor avalia as duas visitas feitas nessa sexta-feira?

A avaliação, do ponto de vista das informações, tem sido válida. Estamos coletando isso (dados) para tomar as providências que entendermos cabíveis em relação ao atendimento da pediatria. O que temos notado são falhas estruturais nessa questão. Se o atendimento secundário (ambulatorial especializado e de média complexidade) fosse adequado, os hospitais seriam menos pressionados em relação à atenção terciária (hospitais de médio e grande porte, para casos de alta complexidade). E se as UPAs (unidades de pronto-atendimento) atendessem pediatria, teríamos uma pressão menor nos hospitais. Temos notado uma falha grave de gestão, que poderia ser

muito bem solucionada. Não me parece muito difícil resolver, mas falta uma boa vontade para isso.

Quais medidas podem ser tomadas diante da falta de retorno da Saúde?

Temos de buscar outro caminho, pois a conversa está meio encerrada. (Uma alternativa) é a responsabilização dos gestores pelo atendimento precário na parte pediátrica. Durante as visitas, temos solicitado alguns documentos (sobre) questões de produtividade e, também, das razões para falta de médicos. Outra dúvida é a orientação à população: se um hospital não atende as faixas verde e amarela, só vermelha e laranja, para onde um pai ou mãe pode ir? O que não pode é eles voltarem para casa com o filho doente, sem conseguir atendimento e com risco de a doença evoluir, agravar-se.

A partir do término do prazo para resposta da SES-DF, o que o MPDFT pode fazer?

A promotoria aguardou o encerramento do prazo e foi atrás de informações sobre a saúde pública do DF. Nossa recomendação, como dito, é sobre a existência de um planejamento preventivo (para o período) entre maio e julho, pois, como as doenças respiratórias tendem a crescer (nesses meses), as crianças precisam de atendimento de qualidade. Após (fazer) estudos, o Ministério Público descobriu que o Ministério da Saúde exige que as UPAs tenham atendimento pediátrico, mas o Distrito Federal é a única unidade federativa que não cumpre tal norma. Por isso, o MPDFT pretende entrar com uma ação civil pública, para que haja uma gestão satisfatória.

» Reavaliação de ala obstétrica

Na última quinta-feira, representantes da Promotoria de Justiça de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde (Pró-Vida) do MPDFT também avaliaram os serviços obstétricos do Hospital Regional do Gama (HRG). A visita deu seguimento a uma inspeção feita em 2019 na unidade, alvo de inúmeras reclamações que envolvem recém-nascidos e gestantes, como violência obstétrica. A ação resultará na produção e no envio de um relatório com sugestões e recomendações à SES-DF.

um governo que tenha como meta central proteger a saúde da população”, defende Fátima.

“Dentro dos padrões”

Questionada sobre a fiscalização do MPDFT, a SES-DF informou que os promotores puderam constatar um atendimento “dentro dos padrões técnicos exigidos, sem restrições, com registro de bandeira verde”. A pasta explicou, ainda, que a visita ao HRT teve relação com os repouso da equipe de enfermagem.

“É importante destacar que, diariamente, a rede pública atende em média 1.350 crianças (consultas e emergência). Nas UPAs, o público infantil é acolhido em caso de gravidade, inclusive com a estabilização do paciente. Os demais quadros clínicos são encaminhados para as nove unidades de referência em pediatria: os hospitais regionais de Sobradinho (HRS); de Planaltina (HRPL); Leste (HRL); de Santa Maria (HRSM); de Ceilândia (HRC); do Guará (HRGu); de Brasília (HRBz), além do HRT e do Hmib”, elencou o órgão.

A pasta acrescentou que duas portarias de 2017 do Ministério da Saúde não citam as especialidades da medicina que devem ser contempladas nas UPAs. “(Elas) apenas citam o número de ‘profissionais médicos’ necessários para o funcionamento das unidades”, concluiu.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 1º de junho de 2022

» Campo da Esperança

Antônio Francisco de Almeida Magalhães, 93 anos
Antônio Gonçalves Lemos, 66 anos
Cosme Berto de Macedo Silva, 68 anos
Dalmi Ribeiro Borges, 81 anos
David Junio dos Santos Araújo, 34 anos
Eceila Maria Cerri dos Santos, 84 anos
Edson de Oliveira Franca, 61 anos
Fernando Ferreira de Paula, 92 anos

Inacio Massamitshi Kasegava, 72 anos
Jose Bonifácio da Silva, 96 anos
Lourdes Maria da Silva, 80 anos
Maria do Socorro Costa da Silva, 84 anos
Niso Bernardes Fernandes, 75 anos
Orlando Borges, 82 anos
Otilia Gomes Barros da Silva, 80 anos
Ozimaria Andrade de Souza, 61 anos
Severino Lucas da Silva, 81 anos
Vânia Rodrigues da Silva, 50 anos

» Bráslândia

Silvério Ângelo Ferreira, 68 anos

» Gama

Francisco de Assis Valadares, 74 anos
Luzia Rodrigues de Abreu, 80 anos
Natalina Manoela Pereira, 77 anos

» Planaltina

Erival Alves de Araujo, 91 anos

Pedro Antônio Oliveira, 90 anos

» Sobradinho

Sebastião Pereira dos Santos, 85 anos

» Taguatinga

Adriana Maria de Sousa Barbosa, menos de 1 ano
Agenor Ramos Pereira, 70 anos
Heleno Estevão Honorato Filho, 56 anos
João Sabino do Nascimento Neto, 74 anos

Jose Carlos Gomes da Trindade, 53 anos
Jose Nilson Gomes Ramos, 49 anos
Jose Pinto da Cunha Filho, 76 anos
Maria Farias Ramos, 77 anos
Mariusa Ioneiama, 71 anos
Marleide Pereira da Silva, 47 anos
Priscila Ferreira Borges Teixeira, 33 anos

» Jardim Metropolitano

Assunta Helena Sicoli, 75 anos (cremação)

Carlos Roberto Miguel, 77 anos (cremação)
José Hernandez Bogaz, 100 Anos (cremação)
José Anastrelino Mendes de Souza, 76 anos (cremação)
Josefa Emília da Conceição, 73 anos
Josiel Ferreira da Silva, 44 anos (cremação)
Luceni Gadelha Dantas, 63 anos
Sonia Kazuko Sakai Teixeira, 70 anos (cremação)